

*Subindo a ladeira: educação e identidade nas memórias de moradores do Bairro Cidade Alta, em Brasil Novo/PA, na Amazônia brasileira<sup>1</sup>*

**César Martins de Souza**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**Hugo Araújo Sales**

REDE ESCOLAR PÚBLICA DE MEDICILÂNDIA-PARÁ-BRASIL

**Gutemberg Armando Diniz Guerra**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

---

ABSTRACT

---

The neighborhoods Downtown and Cidade Alta, in Novo Brazil/PA, in the Amazon, are separated by a slope and by a stigma built in the municipality that considers Cidade Alta a violent place. By means of semi-structured interviews and conversations with the residents of Cidade Alta, in this paper we aim to appreciate the educational and identity aspects of the neighborhood, in a municipality originated by a project of the Brazilian dictatorship that aimed to occupy the Amazon. The residents' memories make it possible to understand the narratives and the social dynamics of the neighborhood, beyond the stereotypes.

**Keywords:** Transamazônica, Agrópolis, identities, education, Amazon.

Os bairros Centro e Cidade Alta, em Brasil Novo/PA, na Amazônia, são separados por uma ladeira e por um estigma construído no município em que moradores de outros bairros representam a Cidade Alta como lugar violento. No

---

<sup>1</sup> O presente texto foi elaborado a partir de projeto desenvolvido a partir do Procad-Amazônia-CAPES, bem como com apoio da Propesp/Unjiversidade Federal do Pará e em parceria com pesquisa de especialização

presente texto, através de entrevistas semiestruturadas e conversas com os moradores da Cidade Alta, analisam-se aspectos educacionais e identitários do bairro, em um município originado por um projeto da ditadura brasileira que visava ocupar a Amazônia. As memórias dos moradores possibilitam compreender as narrativas das dinâmicas sociais do bairro para além dos estereótipos.

**Palavras chave:** Transamazônica, Agrópolis, Identidade, Educação, Amazônia.

---

Nesse artigo buscamos ouvir a voz das personagens que habitam a Cidade Alta, especialmente pelo fato de haver escassez de material bibliográfico e fontes históricas sobre a história do município e mais ainda sobre aquele bairro. Para tal, foram escolhidas pessoas<sup>2</sup> ligadas ao bairro da Cidade Alta desde a sua criação dando preferência a pessoas que viviam neste local desde sua ocupação ao fim da década de 1970 e início da década de 1980. No acervo encontrado, as poucas obras que dizem respeito ao município de Brasil Novo e à sua história, e que neste trabalho serão referenciadas, são todas de professores da Escola Brasil Novo, localizada no centro da cidade. As três obras consultadas para este trabalho tratam especificamente sobre o processo de emancipação da Agrópolis, sobre o processo de colonização de Brasil Novo e o surgimento do bairro Cidade Alta.

Essas três obras ajudaram a enriquecer a discussão sobre o município de Brasil Novo e sobre o bairro da Cidade Alta, mesmo que as obras não nos deem todas as informações necessárias sobre o assunto pesquisado. A análise de obras sobre o processo de criação da Transamazônica também foi necessária para que se entendesse o contexto em que foi criada a Agrópolis 46, posteriormente, município de Brasil Novo. Além disso, foi levantada uma discussão sobre memória utilizando Jelin (2002), entre outros estudiosos desse campo de estudo.

O bairro Cidade Alta é estigmatizado e visto de forma negativa em relação ao restante da cidade. Dessa forma, ao fim desse trabalho busca-se mostrar a importância do bairro Cidade Alta na construção sociocultural em Brasil Novo. Isso tudo através da memória dos estigmatizados que residem e trabalham na Cidade Alta. Após a publicação do trabalho, o artigo será levado aos moradores de Brasil Novo, principalmente aos jovens que estudam na escola do local e do bairro da Cidade Alta para vir a compor um acervo sobre o tema e também ser utilizado em atividades didáticas como um meio para se motivar novos estudos.

O presente artigo busca, portanto, ir além dos filtros estereotipados, para compreender o cotidiano, as memórias e a organização social do bairro, em Brasil Novo, município que dista 46 quilômetros da cidade de Altamira-PA, que foi o epicentro das obras da rodovia BR-230 (Transamazônica).

---

<sup>2</sup> Todos os entrevistados têm nomes fictícios para preservar suas identidades.

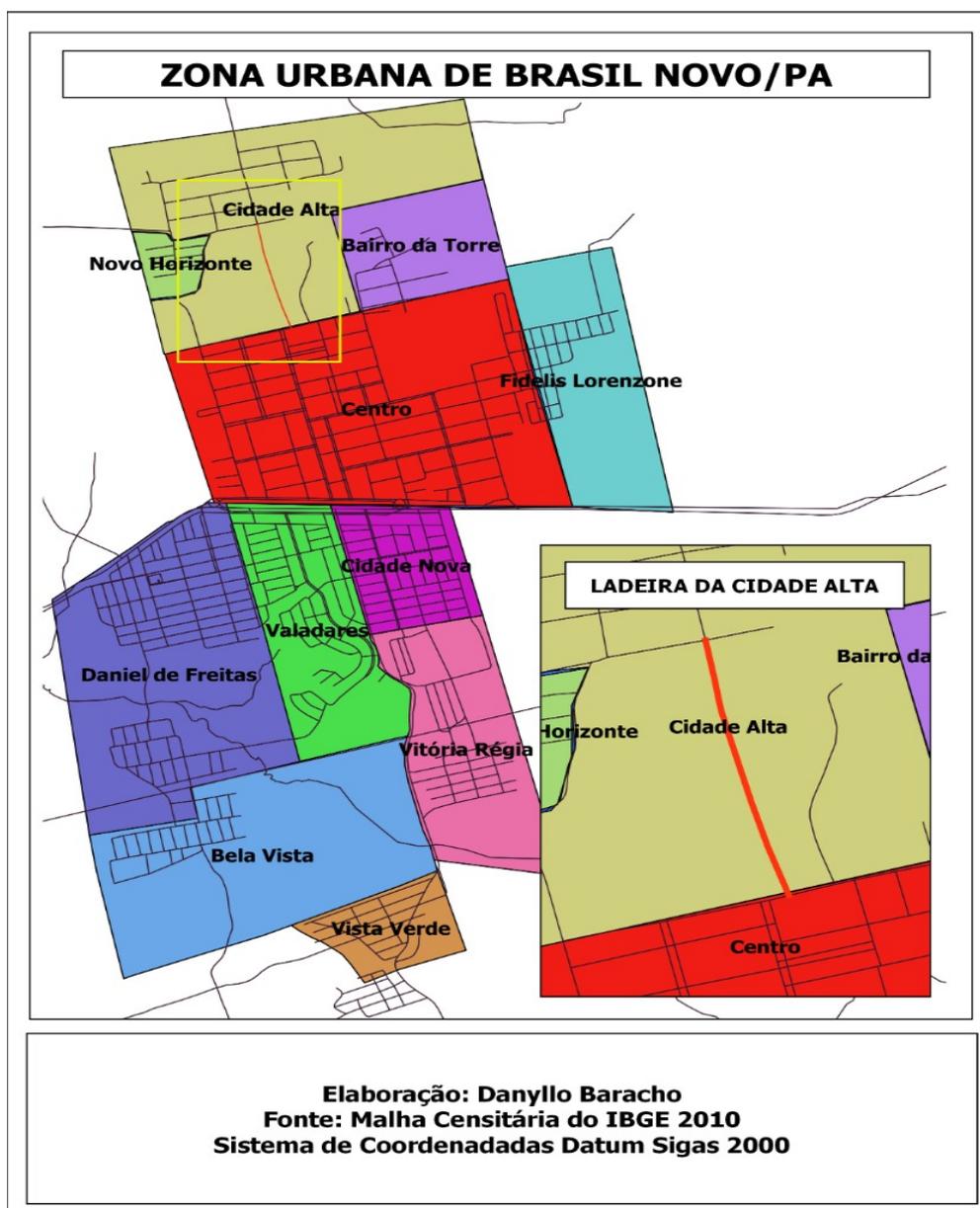


Figura 1. Mapa de Brasil Novo-PA<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Mapa elaborado a partir da Malha censitária do IBGE de 2010. Disponível em [ftp://geofp.ibge.gov.br/organizacao\\_do\\_territorio/malhas\\_territoriais/malhas\\_municipais/municipio\\_2010/pa/](ftp://geofp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/malhas_territoriais/malhas_municipais/municipio_2010/pa/). Acesso em 18. Ago. 2020.



Figura 2. Ladeira para a Cidade Alta<sup>4</sup>

### **Integração nacional, Transamazônica e o surgimento de Brasil Novo**

A BR-230 é uma estrada localizada nas regiões Norte e Nordeste do país, conhecida principalmente por cortar a floresta amazônica. Nas últimas décadas, a estrada passou a ser vista como uma obra “lendária”, resquício da época da ditadura, quando foi vista por muitos como “obra faraônica”. Posteriormente passou a ser vista como uma “rodovia abandonada” como se pode ver através do exemplo dado por Souza (2012) em sua tese de doutorado quando este disserta sobre uma viagem sua em busca de narrativas sobre a rodovia:

Durante o trajeto aéreo entre Manaus e Humaitá, recebi uma revista [...] e uma das manchetes era um convite para conhecer as belezas naturais de Itaituba-PA. Na matéria, havia em destaque a afirmação de que a cidade é situada às margens do “belo rio Tapajós e da lendária rodovia Transamazônica” e que visitar esta cidade é uma oportunidade de conhecer ambos. Pode-se observar, portanto,

---

<sup>4</sup> Fotografia de Hugo Sales.

que a estrada se tornou parte de guias turísticos como algo lendário e uma ruína, posta como monumento da memória nacional, num fenômeno semelhante ao ocorrido com outro projeto desenvolvido na Amazônia, no início do século XX, conhecido como Fordlândia (Souza 2012, 25).

Vê-se dessa forma, a rodovia como sendo apenas um monumento na memória coletiva do povo brasileiro. Possivelmente o fato de esta rodovia não ter asfalto em sua completude colabora para que ela seja vista como “ruína” e não como uma obra concretizada. De fato, a rodovia não foi concretizada totalmente, conforme o prometido pelo governo brasileiro, tampouco ela é uma estrada desaparecida e ignorada no meio da floresta amazônica (Souza 2012), tendo em vista que atualmente a Transamazônica é bastante utilizada em sua totalidade. A grandiosidade da obra também nos ajuda a entender o porquê de a rodovia ter se tornado “parte dos guias turísticos” como algo “lendário”. Na época de sua construção os seus idealizadores diziam que esta partilhava com a “Muralha da China o privilégio (?) de ser vista da lua” (*ivi*, p. 223).

A rodovia também é grandiosa pelo desafio de ter que cortar de forma transversal uma das maiores florestas do mundo. São ao todo 5.419 km de comprimento ligando de Cabedelo, na Paraíba – cidade banhada pelo Oceano Atlântico – até Lábrea, no estado do Amazonas. No entanto, a rodovia deveria ser concluída na cidade de Benjamim Constant no Amazonas e de lá ser integrada a duas outras rodovias que dessem acesso a Lima, no Peru. Por conta desse trecho não concluído a rodovia não finaliza o traçado ainda mais audacioso de ligar o oceano Atlântico ao oceano Pacífico. Além de cortar esses dois estados, a rodovia Transamazônica corta também os estados do Ceará, Piauí, Tocantins, Maranhão, Amazonas e Pará, sendo este último transpassado pela maior parte da rodovia (ver Figura 3. Mapa da Transamazônica).

A ideia de construir uma rodovia que perpassasse a Amazônia e ligasse a região Nordeste até a região Norte surgiu, de acordo com declaração de Delfim Neto, ex-Ministro da Fazenda, quando o então presidente Emílio Garrastazu Médici sobrevoava o país no trajeto entre as cidades de Manaus e do Recife e percebeu o contraste do verde amazônico com a seca do sertão nordestino. Essa versão “romântica” de Delfim Neto é contrária a declaração dada por Jarbas Passarinho (2008), também ex-Ministro do governo Médici, quando ele afirma que a decisão de construir a estrada ocorreu em uma reunião entre o presidente e os ministros no Planalto. De qualquer maneira, a Rodovia foi anunciada logo em seguida pelo próprio Médici quando o presidente publicou um Decreto-Lei que criava o Plano de Integração Nacional (PIN) que tinha na construção da Rodovia Transamazônica parte fundamental de sua infraestrutura.



Figura 3. Mapa da Transamazônica. Ministério dos Transportes, CC BY 3.0, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=4164788> (11 de outubro de 2017).

O PIN foi um programa criado em 1970 pelo governo do general-presidente Emílio Garrastazu Médici. Nesse mesmo governo foi criado o discurso político-propagandístico, conhecido como o *milagre brasileiro*, como uma era que elevaria o Brasil no cenário mundial.

Ao analisar o período, Cordeiro (2012) afirma que o governo de Médici fazia discursos sobre o Brasil como um país que prosseguia rumo a um novo caminho, sob a égide do desenvolvimentismo, que o levaria à condição de potência mundial:

A sensação de *construção do novo* constituiu-se em aspecto fundamental da *opinião dominante* durante os primeiros anos da década de 1970 no Brasil. Sob este aspecto, o discurso do Presidente em que anunciava a *chegada do futuro* é emblemático. Esta sensação esteve presente, por exemplo, nas comemorações pela vitória brasileira no mundial de futebol em 1970, na abertura das obras da Transamazônica no mesmo ano e, principalmente, durante as celebrações do Sesquicentenário da Independência em 1972.

Nesse sentido, acredito que seja fundamental a compreensão destes anos a partir de uma visão ampla do chamado *Milagre brasileiro*. Para além dos ganhos materiais – importantes para ajudar a conformar e racionalizar melhor o convívio com o regime – acredito que o essencial seja compreender esses anos tendo em vista as expectativas construtivas, patrióticas, nacionalistas que o *Milagre* foi capaz de sintetizar (Cordeiro 2012, 91-92).

O *Milagre brasileiro* era um *slogan* utilizado para se referir ao acelerado crescimento nos indicadores da economia entre os anos de 1968 e 1973, um período breve onde os produtos comercializados pelo Brasil se valorizaram, fazendo com que o Produto Interno Bruto do país crescesse a até dois dígitos e também com que a inflação ficasse controlada. Souza (2018) analisa que, com os índices positivos da economia, o governo de Médici buscava exercer maior controle da população, se utilizando da repressão e da censura, bem como de grandes obras de infraestrutura, de modo a conseguir apoio político e imposição do silenciamento aos que se opunham ao regime.

A ideia do PIN foi abalizada no emprego de mão de obra nordestina que era castigada pelas grandes secas desde o final da década de 1960. A partir disso, o governo passa a cunhar a ideia de vazios demográficos na Amazônia, dando origem aos lemas "terra sem homens para homens sem-terra" e "integrar para não entregar". A integração seria feita pelo governo através de um grandioso e ousado projeto de assentamento de famílias. O projeto visava trazer cerca de cem mil famílias do Nordeste brasileiro e também, do Sul do país – a fim de aliviar os conflitos de terra nestas regiões – para ocupar o que o Estado chamava de "vazio amazônico", uma ideia que ignorava as populações urbanas e tradicionais da Amazônia (Martins 1982).

O governo de Médici continuou utilizando o falso discurso do "vazio demográfico" como pretexto para deslocar famílias que partiram para a Amazônia com e sem apoio oficial. As famílias que tiveram o incentivo do governo teriam de derrubar parte da floresta pertencente às suas terras porque infelizmente a floresta amazônica era vista como obstáculo para o progresso e para a construção do "Brasil Grande". As derrubadas corroboravam com o incentivo dado pelo governo para a abertura de lotes rurais objetivando o crescimento agropecuário na região, provocando, em contrapartida, perdas significativas para as populações amazônicas (Souza 2018).

Rego (2017) ao estudar a arquitetura da Transamazônica, analisa que o projeto da rodovia incluía a construção dos travessões<sup>5</sup> dos lotes de 100 hectares para cada família de migrantes. Além das estradas-travessões surgiu em toda a Rodovia uma estrutura interligada de agrupamentos humanos que seguiam um modelo conhecido como urbanismo-rural e variavam de nomes de acordo com as suas características, sendo nomeados estes por: agrovila, agrópolis e rurópolis.

Havia, entre esses três modelos dos núcleos de colonização, diferenças essenciais. As agrovilas, contendo 100 hectares de lotes rurais cada, circundavam as agrópolis em distâncias de aproximadamente 5km, contavam com postos de saúde, centro comunitário, escola primária, igreja ecumênica. As agrópolis, que

---

<sup>5</sup> Os travessões são estradas vicinais, abertas a cada 10 ou 15 quilômetros, de modo perpendicular à Rodovia Transamazônica.

surgiam a cada 40km no decorrer da rodovia Transamazônica, polarizavam em média 20 agrovilas e tinham um sistema básico de atendimento à população contendo além dos aparelhos de infraestrutura das agrovilas bancos, posto de assistência social, cooperativas etc. A rurópolis, surgia em média a 140 kms na rodovia, e era onde concentravam-se as atividades comerciais e industriais, polarizando agrópolis e agrovilas (Cardoso & Müller 1978).

Esses territórios urbano-rurais, com o passar dos anos, passaram a receber elevado número de habitantes tendo expressivo crescimento demográfico. Agrópolis e rurópolis sofreram um processo de municipalização e emancipação. Uma dessas agrópolis, localizada no km 46, da BR-230, no trecho Altamira-Itaituba, sofreu o processo de expansão populacional, transformando-se futuramente no município de Brasil Novo, local onde encontramos nosso espaço de pesquisa: o bairro Cidade Alta.

### **Brasil Novo e o bairro Cidade Alta**

O município de Brasil Novo tem uma área da unidade territorial em 6.362,575 km<sup>2</sup>. Está localizado na mesorregião do sudoeste do Pará limitando-se ao norte com o município de Porto de Moz, ao sul e a leste com o município de Altamira e a oeste com o município de Medicilândia. Encontramos Brasil Novo no km 46 da Rodovia Transamazônica – trecho Altamira-Itaituba abrangendo a Rodovia em ambas as margens desta e a 503 km de Belém, a capital do estado do Pará, em linha reta.

A explosão demográfica ocorrida no século XXI, em toda microrregião de Altamira, foi influenciada especialmente pela implementação e construção da UHE Belo Monte (Miléo; Freitas 2016), com forte impacto também em Brasil Novo. O crescimento demográfico nos desperta para a importância de estudar as memórias do município de Brasil Novo como forma de compreender os processos histórico-sociais que compuseram a cidade. Soma-se a isso a carência de arquivos e, conseqüentemente, de acervos documentais sobre a história de Brasil Novo.

Para as entrevistas foram utilizados as técnicas e os métodos da história oral que de acordo com Freitas é: “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (Freitas 2006, 17). Verena Alberti (2013) afirma que esse método utiliza as entrevistas como forma de nos aproximar do objetivo de estudo de determinada pesquisa. Além disso, ela afirma que estas entrevistas serão fontes de pesquisa em estudos futuros sobre este objeto (Alberti 2013). Dessa forma, este trabalho não viria para substituir os (poucos) trabalhos históricos existentes sobre Brasil Novo ou sobre seus bairros, mas sim, utilizá-los como referências importantes para a pesquisa e, posteriormente, se somar a estes. Alberti considera

que “trata-se de ampliar conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio do estudo aprofundado de experiências e visões particulares [...]” (Alberti 2013, 26).

Ao ouvir os protagonistas, buscamos compreender a história de Brasil Novo, especialmente sobre a história do bairro Cidade Alta, por dentro da realidade de quem a vivenciou, no sentido de problematizar como se constituíram os processos de educação formal no bairro e também os fatores culturais que podem ser vistos como processos educacionais na construção das memórias sobre o seu processo de formação. Jacques Le Goff (1990) afirma que em estudos sobre memórias, busca-se um elemento fundamental nas atividades do indivíduo e da sociedade: a identidade seja ela individual ou coletiva.

Por mais importante que seja a memória coletiva, ela só é concebida e gerada graças a vários indivíduos, inseridos em um setor da sociedade, que dispõem de sua memória, fruto das suas próprias vivências e experiências: são as chamadas memórias individuais. Lembramos aqui que os entrevistados deste trabalho são figuras com particularidades e individualidades, no entanto, inseridos em seus bairros formam uma memória coletiva para a Cidade Alta.

Elizabeth Jelin (2002) destaca a importância de se partir das memórias individuais para compreender as coletivas, ao problematizar que cada pessoa tem as suas próprias recordações que são impossíveis de serem transferidas de uma pessoa para outra. A autora argentina destaca ainda que:

[d]e inmediato y sin solución de continuidad, el pasaje de lo individual a lo social e interactivo se impone. Quienes tienen memoria y recuerdan son seres humanos, individuos, siempre ubicados en contextos grupales y sociales específicos. Es imposible recordar o recrear el pasado sin apelar a estos contextos. (Jelin 2002, 19-20)

Para Jelin não há possibilidades de recordar ou recriar o passado sem recorrer à memória dos indivíduos que estão dentro de grupos sociais específicos. A autora afirma ainda que a memória, mais que uma recordação, é uma reconstrução (Jelin 2002). Ela dialoga com Maurice Halbwachs ao privilegiar “quadros sociais da memória” ao invés de “memória coletiva”. Isso porque se corre o risco de que a memória coletiva passe a ser vista como uma entidade própria longe dos indivíduos que a formam

A memória, bem como a identidade dos indivíduos, se concretiza no ato de narrar e de se comunicar com o seu grupo social, a fim de formar as memórias que chamamos coletivas. Dessa forma, os entrevistados e moradores do bairro Cidade Alta, em Brasil Novo, manifestam as suas histórias de vida, suas memórias e suas identidades quando dialogam com o pesquisador.

## **Cidade Alta e suas identidades, educação, problemas sociais e manifestações culturais**

Por mais de uma vez para a realização deste trabalho foi feito o trajeto para o bairro Cidade Alta entre os meses de setembro de 2014 e janeiro de 2015. Foram entrevistados sete moradores, todos eles com uma vivência de mais de vinte e cinco anos neste local. As conversas, todas gravadas e posteriormente transcritas, variaram entre quarenta minutos e uma hora e vinte minutos. Além das entrevistas com os moradores foram realizadas coleta de dados com órgãos oficiais e instituições presentes na cidade.

Os entrevistados, como afirmado anteriormente, foram selecionados através de conversas informais e conhecimento prévio dos moradores do bairro. Todos contribuíram para o trabalho com diálogos sobre o bairro e também sobre toda a cidade de Brasil Novo, desde seus tempos de agrópolis. O entrevistado mais novo tem toda a sua vivência no bairro Cidade Alta, já o entrevistado mais velho veio jovem com seus filhos e cônjuge para o bairro morando até hoje na mesma rua onde fixou residência na época.

Silva *et al* argumentam que durante a época de Brasil Novo Agrópolis, muitas famílias migrantes chegaram ao futuro município, principalmente a partir da década de 1980. De acordo com ele:

[n]a época a administração da então Agrópolis de Brasil Novo era realizada pelo INCRA, que estava distribuindo terreno na área em que hoje está localizada a Cidade Alta. Para resolver o problema de moradia destas famílias que estavam chegando, o INCRA determinou a liberação da área para a distribuição de terrenos. Os terrenos distribuídos pelo INCRA estavam localizados próximos à zona urbana de Brasil Novo. Contudo, não houve planejamento para se estruturar o local que passava a receber os migrantes que estavam chegando. As condições de vida eram precárias. (Silva et al. 2011, 13).

Silva *et al* relatam que principalmente a partir da década de 1980 muitos migrantes da colonização não oficial chegaram à região que viria a ser Brasil Novo. Para solucionar os problemas da superlotação no pequeno espaço na Agrópolis e a falta de terreno para habitação das famílias que chegavam, a prefeitura decidiu demarcar alguns terrenos a norte do Centro da Agrópolis, local onde atualmente localiza-se o bairro Cidade Alta. A afirmação contida na obra de Silva *et al* se encontra com a visão do Seu. Antônio:

[vim] pra cá sem ajuda nenhuma do governo. Aí vim pr'aqui pra Cidade Alta. Chegêmo aqui na Cidade Alta, em 83 no final do ano [...]. Aqui só tinha essa casa aqui [...], tinha aqui aquela casa mais de lá, tinha aquela lá e a do Zé Canela, por

ali. Do tempo que eu cheguei só tem o Zé Canela e o seu Chico ali. Só. Eu sou um dos pioneiros. Aí eu voltei pra cá aqui em Brasil Novo, aí tô aqui até hoje. Aí quando eu vim em 83, eu fiquei lá em Antônio José, aí em 84 eu tirei, não, em 83 mesmo eu tirei esse chão aqui ó, foi dado pelo INCRA esse terreno aqui. Aí eu tirei lá no INCRA. Recebi, tudo bem...<sup>6</sup>

O Seu Antônio foi um dos que chegou até a Agrópolis de Brasil Novo, na década de 1980, sem a ajuda do governo federal, no entanto, esse afirma que junto ao INCRA conseguiu a tirar o seu pedaço de chão para construir sua residência. Da mesma forma que Seu Antônio, muitos outros migrantes do município de Brasil Novo vieram na mesma época e obtiveram suas terras para trabalhar, seja na Cidade Alta, no bairro Centro ou em alguma das vicinais.

O pioneirismo de Seu Antônio também é visto em Dona Luíza a qual afirma que, quando chegou, só havia um irmão dela morando na esquina de onde ela mora atualmente. Uma das primeiras moradoras do bairro Cidade Alta e nascida no Ceará, essa senhora afirma que atualmente não conseguiria mais viver em sua terra de origem. Inicialmente, um irmão da entrevistada veio morar na Agrópolis, seguido de outros parentes dela. Posteriormente, dois filhos da entrevistada vieram morar em Brasil Novo. Por fim, Dona Luíza, com doze filhos, decidiu vir também para o município, fixando residência desde então no bairro Cidade Alta.

Silva *et al* (1980) afirmam ainda que as condições de vida eram precárias na época, descrevendo as deficiências do bairro: distribuição de água, ruas sem serviço de manutenção, telefones públicos com funcionamento precário e, na época, falta de assistência médica no bairro. Infelizmente através das falas dos entrevistados, percebe-se que atualmente as condições de vida no bairro ainda continuam aquém da evolução que se nota em outras partes da cidade, o que se estabeleceu como um dos elementos de estigmatização do mesmo. Além do bairro sofrer com a carência e/ou ausência histórica de alguns serviços públicos essenciais, este fator é usado como elemento discursivo por muitos moradores de outros espaços da cidade, como modo de discriminar o lugar e seus moradores.

A comparação, principalmente com o bairro Cidade Nova é recorrente nas falas de entrevistados como se observa na fala do jovem Luciano, 27 anos, nascido no bairro da Cidade Alta:

[e]u acredito que pessoas que tenham um poder aquisitivo um pouco maior elas não venham querer morar aqui devido... Tipo assim: “ah, eu vou querer morar numa favela?” [...], [e] tudo isso vai sendo transmitido de geração a geração fazendo com que o bairro jamais chegue a um desenvolvimento igual ao que o

---

<sup>6</sup> Senhor Antônio foi um dos pioneiros do bairro Cidade Alta. Hoje mora no bairro com sua esposa e seus cinco filhos. Entrevista realizada pelo autor em 6 de novembro de 2014.

bairro Cidade Nova já tenha. Talvez até tenha, mas enquanto isso não for desmistificado... Se essa ideia num for quebrada a Cidade Alta nunca vai ser um bairro próspero<sup>7</sup>.

A confrontação entre as realidades dos dois bairros ocorre provavelmente devido ao fato de ambos terem sido os bairros fundados após a concretização do bairro Centro na cidade de Brasil Novo. Após a criação do Centro surgiu o bairro Cidade Alta e algum tempo após a emancipação de Brasil Novo surge o bairro Cidade Nova que mesmo sendo um “bairro mais novo” passa a receber uma atenção maior do poder público municipal, deixando o bairro Cidade Alta ainda em carência. O processo de estigmatização passa, portanto, pelo fato de o bairro ser visto como um lugar carente de serviços fundamentais como água e esgoto e por ser vista como um espaço marcado pela violência, algo que não necessariamente se confirma nos indicadores, mas que serve de elemento de marginalização social.

Ao mesmo tempo a Cidade Alta é marcada por ser um espaço híbrido entre o rural e o urbano, o que também funciona como elemento de estigmatização, devido ao fato de que muitas vezes as populações do campo são vistas sob negatividade no país, o que também funciona em muitos casos, somado a precarização social do campo, como fator de expulsão de pessoas rumo aos centros urbanos. A Cidade Alta se estabelece assim entre a culpabilização e a efetiva carência de serviços e equipamentos públicos, incluindo espaços de lazer, como elementos utilizados para excluir socialmente.

No trabalho de Silva *et al* também ocorre uma comparação entre os bairros Cidade Alta e Cidade Nova quando este afirma que:

[a]o percorrer o bairro Cidade Alta inteiro não se encontrou uma rua asfaltada. Há lixo jogado em terrenos baldios, o que é justificado pelos moradores por não haver coleta regular. Várias ruas estão esburacadas, algumas com valões cheios de lama. No entanto, ao chegar ao bairro Cidade Nova verificou-se que várias ruas estão bloqueteadas<sup>8</sup>. (Silva et al. 2011, 16)

Por mais que o bairro possua problemas na infraestrutura urbana, os entrevistados sentem um enorme carinho pelo local em que fixaram residência e isso é outro fator que fica claro nas entrevistas quando os moradores afirmam que não trocariam seus locais de morada por habitações em qualquer outra parte da cidade, mesmo reconhecendo que o bairro necessita de melhorias. A Cidade Alta tem um

---

<sup>7</sup> Um dos filhos do Senhor Antônio. Luciano trabalha como educador na escola do bairro. Entrevista realizada em 6 de dezembro de 2014.

<sup>8</sup> Ruas “bloqueteadas” é como são denominadas, em alguns lugares do Brasil, ruas pavimentadas com blocos de concreto.

histórico interessante de manifestações culturais e educacionais. Levamos em consideração aqui o termo *educação formal* apresentado por Gohn (2010) e o termo *educação de vivência* apresentados por Farias (2009). Ambos os termos servirão para apresentar as manifestações culturais-educacionais presentes no bairro Cidade Alta.

Para Maria da Gloria Gohn (2010) *educação formal* é aquela também chamada de educação escolar, regulamentada por lei, certificadora, organizada de acordo com diretrizes nacionais e com espaços específicos para acontecer. Os principais agentes da educação formal são os professores, embora, todos os profissionais que atuam na escola tenham seu caráter educativo. Para ocorrer, a educação formal necessita de regras, legislações e padrões normatizados definidos previamente. Nesse campo educacional, têm-se como objetivos, de acordo com a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a formação de cidadãos através do ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados e regulamentados. Gohn opõe educação formal à educação não-formal e a informal.

Farias em sua dissertação de mestrado (2009) faz preferência do termo *educação de vivência* em vez dos termos *educação não-formal* e *educação informal* utilizados por Gohn. De acordo com o autor, e apoiando-se na terminologia de Gohn sobre educação informal, o termo *educação de vivência* faz referência ao modelo educacional decorrente da espontaneidade do ambiente familiar e dos espaços vivenciados pelos sujeitos (Farias 2009).

Farias (2018)<sup>9</sup> esclarece que optou pelo termo *de vivência* e não pela dualidade *não-formal/informal* em sua dissertação de mestrado, ao observar a sua trajetória na educação popular, na vertente freiriana, nas leituras de Bernart Charlot – quando este trata do popular e dos saberes além da educação formal – e também, anos depois, em um banco popular que subsidiava suas ações na economia solidária, na vertente de Paul Singer. Para o autor, a educação de vivência “[r]efere-se a toda atividade humana, que como tal, gera aprendizagem no indivíduo. Vale dizer que essas atividades são livres, realizadas sem obrigações e, nesse sentido, distanciam-se da dinâmica e padrões escolares”.

Percebe-se assim que as noções de educação de vivência estão mais associadas aos momentos em que o indivíduo adquire conhecimento na sociedade de forma imperceptível, inclusive em momentos da vivência em comunidade, momentos que enriquecem social ou culturalmente, proporcionando aprendizados para a vida. No bairro Cidade Alta, pode-se perceber a riqueza nas manifestações culturais que contribuem para a educação de vivência. As manifestações desportivas são uma delas. Luciano, 27, jovem professor de Educação Física na escola do bairro, afirma que os jovens da escola aprendem

---

<sup>9</sup> FARIAS, Fernando Jorge Santos. Educação de Vivência. São Paulo, 16 jan. 2018. Entrevista concedida a Hugo Araújo Sales, via e-mail.

sobre o mundo quando jogam bola “no campo” ou “ali na quadra tanto quando aprendem na escola”.

Dona Luíza<sup>10</sup> fala de outra manifestação forte culturalmente na comunidade: a festa católica do padroeiro da comunidade, São Francisco das Chagas. Provavelmente, a escolha de São Francisco das Chagas como padroeiro da Igreja Católica no bairro se deu devido a migração nordestina ocorrida com a ocupação da área em que hoje se constitui o bairro. No Nordeste, especificamente no Sertão cearense, houve, em meados do século XVIII, grande atuação dos missionários franciscanos.

Moura (1998) mostra a festa do santo não apenas como um momento de devoção de fé, mas, também como representação de sociedade. O autor afirma que:

a festa é uma trégua indecisa da luta: todos interrompem o confronto direto, o trabalho, as atividades rotineiras para participar da celebração comum. As pessoas procuram a transcendência, os pequenos desafios do cotidiano são esquecidos. Pode-se fazer uma imagem da festa como um caleidoscópio no qual se refletem vários aspectos da vida social. (Moura 1998, 13)

Um desses aspectos é o aspecto educacional, tendo em vista que dentro da comunidade, parte dos moradores se empenha em colaborar com as celebrações para São Francisco das Chagas. A festa, momento de integração entre os moradores do bairro e todos os devotos de São Francisco das Chagas, ocorre sempre no domingo subsequente ao dia 4 de outubro no barracão ao lado da Igreja Católica da Cidade Alta. Os moradores participam primeiramente da celebração e posteriormente, da festa.

Outra manifestação cultural do bairro que é tradicional, porém não tão aceita pelos moradores da cidade e da própria Cidade Alta é a Malhação de Judas. Tradição vigente em diversas comunidades católicas e protagonizada no Sábado de Aleluia, essa manifestação tem alguns anos de vida no bairro. No município de Brasil Novo é comum enfeitar o boneco, que representa Judas, com máscaras ou placas, já na Cidade Alta a característica principal da manifestação são as máscaras dos malhadores de Judas, que saem pelas ruas da cidade tocando sinos, alarmes e passando em casas.

O bairro da Cidade Alta também sofreu com a lentidão através dos anos para ter seu primeiro estabelecimento de educação formal. Antes da fundação da escola do bairro, os moradores necessitavam descer a ladeira para frequentar a Escola Brasil Novo e o Colégio Brasil Novo – respectivamente, as instituições que

---

<sup>10</sup> A entrevista ocorreu na casa de Dona Luíza, natural do Ceará. A entrevistada conta que recusou a casa no bairro Centro, mas, que um terreno foi dado a ela no bairro Cidade Alto mesmo assim. Entrevista realizada pelo autor em 5 de janeiro de 2015.

oferecem Ensino Fundamental Maior e Ensino Médio – ambos localizados no bairro Centro da cidade de Brasil Novo. Um dos nossos entrevistados, o senhor Antônio, trabalhou como auxiliar de serviços gerais por quase duas décadas na escola do bairro Cidade Alta. Essa escola recebeu o nome de um grande incentivador da busca pela educação: o padre Léo Pedro Schneider. Seu Antônio diz que:

O nome... [...] A escola só é [chamada] Padre Léo porque foi incentivo do Padre Léo. [...] Pois é, o Padre Leo era um padre daqui de Brasil Novo. Padre muito sabido. Ajudava muito. Ele era professor. E... Muito legal o padre. Foi quem incentivou. Ele veio aqui um bucado de vez<sup>11</sup>.

Seu Antônio destaca que a Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Léo Schneider começou a funcionar no começo da década de 1990 e ele elenca ainda os diretores do colégio durante os 19 anos de serviços prestados por ele. O entrevistado ainda salienta no final de uma fala que foram anos maravilhosos os que ele trabalhou no colégio, fazendo amizades ao sair e recebendo o carinho de todos os colegas da escola. Além da escola do bairro Cidade Alta ainda há a opção do estudo na Casa Familiar Rural, localizada na Vicinal da 14. No entanto, a CFR ainda é pouco optada pelos alunos da Cidade Alta, sendo mais optada pelos alunos provenientes das diversas vicinais pertencentes a Brasil Novo.

Os espaços escolares e não-escolares se cruzam quando a Escola Padre Léo Schneider promove alguma atividade aberta para a comunidade. No ano de 2015, por exemplo, a escola ganha atenção da comunidade em geral por mostrar, através de uma exposição feita pelos próprios alunos, a visão que a sociedade tem dos afrodescendentes. Através da multidisciplinariedade e da consciência para a organização e trabalho em grupo, para a construção de novos saberes ajudados por todo o corpo escolar, os alunos puderam experimentar, livres de conteúdos pré-dispostos, uma outra forma de viver o processo educacional escolar.

Todas as tendências educacionais perceptíveis no bairro Cidade Alta, sejam elas mais ligadas à escola ou menos ligadas ao âmbito escolar, mostram muito da cidade. São por vezes manifestações culturais em que a participação coletiva, a liberdade, a humanização, a democracia são processos que culminam posteriormente na emancipação do indivíduo politicamente, socialmente e culturalmente. É deveras significativo perceber os caminhos que são trilhados pela educação formal quando vemos que essa está buscando se livrar do “engessamento” causado pelo repasse de conteúdos historicamente ultrapassados e tentando cada vez mais aproximar vivência escolar da vivência do aluno, atuando fortemente na construção de vínculos identitários.

---

<sup>11</sup> Entrevista realizada pelo autor em 6 de dezembro de 2014.

## Considerações finais

O regresso ao passado feito aqui através das memórias dos moradores do bairro Cidade Alta nos aponta algumas direções. O caminho que as pessoas fizeram, recriando o passado e trazendo suas histórias desde lá até os dias atuais – caminho esse entrecortado pelo esquecimento (ou pelo silêncio inconsciente da memória) –, faz com que repensemos a história do bairro e até mesmo da própria cidade.

Trabalhando com o campo e ligados ao campo (essencialmente pelo fato de o bairro Cidade Alta ser um bairro periférico rural-urbano), os moradores passam a ter importância maior. A sua relação com a agricultura – tendo em vista que os moradores do bairro trabalharam e alguns trabalham com agricultura até hoje – dão-lhes uma importância enorme para a cidade de Brasil Novo: cidade de pequeno porte que em grande parte é aprovionada pela agricultura do seu campo. Mesmo sendo o campo a base da economia do município, ocorre a marginalização de um espaço que é um híbrido de campo e urbano.

É o que Escobar (2005) denomina de colonialidade do saber, marcada por processos de imposição de formas de ver a realidade social a partir de propostas colonialistas que marginalizam as populações do campo, segregado e visto como um lugar do atraso, mediante a supervalorização dos espaços urbanos e áreas centrais das cidades.

A importância dos entrevistados cresce ainda mais quando os analisamos no contexto do bairro Cidade Alta. Os pioneiros do bairro foram os primeiros a “subirem a ladeira”, mesmo que não tenham ido pelas vias de acessos atuais que vão do Centro à Cidade Alta, mas por veredas abertas na mata. Habitaram o bairro quando ainda não existiam ruas, existiam talvez os terrenos, demarcados por Seu Roberto, outro de grande importância para o município e para o bairro, tanto que seu apelido batiza a ladeira que por anos foi a única a levar ao bairro.

Da mesma forma que esses, muitos outros habitantes da Cidade Alta foram pioneiros e/ou auxiliaram no processo de formação do bairro Cidade Alta e da cidade de Brasil Novo. Infelizmente, é impossível em um trabalho como este serem ouvidas todas as vozes dos moradores que auxiliaram na construção do bairro/município e suas identidades.

Levando-se em consideração tudo que foi dito, cabe aqui trazer um trecho do final de uma entrevista feita com um de nossos entrevistados. Foi perguntado ao jovem Luciano se ele tem uma ideia de como poderia modificar-se a realidade estigmatizada em que vive o bairro Cidade Alta. Luciano acredita que

[p]ra melhorar só com políticas públicas voltadas para o bairro. A única maneira. A Cidade Alta num tem uma praça, a Cidade Alta num tem serviço de Correios. [...] O que falta aqui mesmo é política pública, pô. Questão de você não tratar com diferença dos demais bairros da cidade. [...]. Eu gosto daqui da tranquilidade, mas essa distância dos serviços do Centro é complicada.

O jovem ainda acredita que a mudança no bairro, ou seja, que a igualdade do bairro Cidade Alta com os bairros Centro e Cidade Nova só vai ocorrer quando destinarem políticas públicas para o bairro Cidade Altas. Ao fim, o entrevistado ainda acrescenta dizendo que gosta do bairro, de sua tranquilidade, mas, há a complicação da distância dos serviços que ficam centralizados no centro da cidade. Em outra fala logo depois dessa, Luciano ainda afirma acreditar na chegada das políticas públicas, tendo em vista que a população do bairro cresce, especialmente com maior número de eleitores cadastrados no município, já sendo dessa forma capaz de eleger alguém que represente o bairro na prefeitura. O bairro possui problemas sociais, na estrutura viária, no acesso, e no saneamento, mas a estigmatização surge como elemento de separação simbólica, dentro da cidade, o que muitas vezes é utilizado na construção de preconceitos.

Certamente, no bairro Cidade Alta podemos observar – e também através das falas dos moradores – um avanço, seja ele um grande avanço ou um pequeno avanço, a partir da ação coletiva dos moradores, no sentido de fortalecer os laços afetivos com o espaço e enfrentar os problemas sociais que vivenciam, ao mesmo tempo em que geram a possibilidade da construção de espaços de lazer, de sociabilidade e de manifestação cultural.

Manifestações culturais enriquecem traços identitários do bairro. Passados de pai para filho, a festa de São Francisco das Chagas conta com participação de muitos jovens. A “brincadeira” da Malhação do Judas só é possível devido ao grande número de crianças e jovens que participam. Momentos que enriquecem a vida comunitária ajudando economicamente e socialmente no crescimento das atividades em prol do bairro. A fundação da Escola Padre Léo e o aprimoramento do espaço físico e das estratégias educacionais também mostram avanço rumo a uma educação escolar que busque formar cidadãos com habilidades e competências múltiplas para a construção da Cidade Alta e do município como um todo, que possam receber e acolher os moradores dentro das condições de infraestrutura necessária, as quais os moradores têm o direito.

### **Bibliografia**

Alberti, Verena. 2013. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

- Cardoso, Fernando Henrique; MÜLLER, Geraldo. 1978. *Amazônia: expansão do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Cordeiro, Janaína Martins. 2012 "Milagre, comemorações e consenso ditatorial no Brasil, 1972". *Confluente – Revista de Studi Ibero-Americani*. vol. 4 (2): 82-102.
- ESCOBAR, Arturo. 2005. "O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?" In *A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais – Perspectivas latino-americanas*, organizado por LANDER, Edgardo. 63-79. Buenos Aires: CLACSO.
- Farias, Fernando Jorge Santos. 2009. *Representação de Educação na Amazônia em Dalcídio Jurandir: (des)caminhos do personagem Alfredo em busca da educação escolar*. Belém: Universidade do Estado do Pará.
- Freitas, Sonia Maria de. 2006. *História Oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas.
- Gohn, Maria da Glória. 2010. *Educação Não Formal e o Educador Social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais*. São Paulo: Cortez.
- Jelin, Elizabeth. 2002. *Los Trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI.
- Le Goff, Jacques. *História e memória*. 1990. Campinas: Editora da Unicamp.
- Martins, José de Souza. 1982. *Expropriação e violência: a questão política no campo*. São Paulo: Hucitec.
- Mileo, Irlanda S. O.; FREITAS, Léia G. 2016. "Narrativas infantis no contexto de UHE Belo Monte: a quebra do vínculo comunitário das crianças remanejadas". *EDUCAmazônia*. vol. XVII (12): 271-295.
- Moura, Edenilson Dutra de. 2011. *Vila Bela da Santíssima Trindade- MT: um olhar sob várias perspectivas*.  
[http://www.centroburnier.com.br/2011/03abr/05\\_artigo\\_final.pdf](http://www.centroburnier.com.br/2011/03abr/05_artigo_final.pdf).
- Passarinho, Jarbas. 2008. "Prefácio" in *Transamazônica – a estrada da coragem*, organizado por MARQUES, Dirceu Pinto. 5-6. Belém: Gráfica Amazônia.
- Rego, Renato Leão. 2017. "Unidade de vizinhança: um estudo de caso das transformações de ideias urbanísticas". *Urbe – Revista Brasileira de Gestão Urbana*. Curitiba, vol. 9 (3), 401-413.  
<https://periodicos.pucpr.br/index.php/Urbe/article/view/22102>.
- Silva, Djalma Vetrue da; COELHO, Suze Santos; PARENTE, Francilene de Aguiar. 2011. *Preconceito e Discriminação Racial entre Imigrantes Negros na Transamazônica: Estudo de Caso*. Altamira: Universidade Federal do Pará.
- Souza, César Augusto Martins de. 2012. *A estrada invisível: memórias da Transamazônica*. Tese. Niterói: Universidade Federal Fluminense.
- Souza, Matilde de. 2020. "Transamazônica: integrar para não entregar". *Nova Revista Amazônica*. vol. 8 (1). 133-152.
- — —. *A epopeia da Transamazônica – 90 milhões em ação*. 1995. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais.

**César Martins de Souza**

Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia e do Campus de Bragança, ambos da UFPA. Investigador Externo do Centro de Estudios de la Argentina Rural/Universidad de Quilmes-Argentina. Editor da Nova Revista Amazônica/UFPA.

**Contacto:** cesarmartinsouza@gmail.com

**Hugo Araújo Sales**

Especialista em Letras - Literatura e Ensino pela Universidade Federal do Pará (UFPA), onde também se graduou em Letras - Língua Portuguesa. Professor nas áreas de Língua Portuguesa e Língua Inglesa, além de colaborar como educador na Casa de Educação Popular.

**Contacto:** hgsalesar@gmail.com

**Gutemberg Armando Diniz Guerra**

Engenheiro agrônomo pela Universidade Federal da Bahia, Mestre em Planejamento do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Pará, Doutor pela École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, França. Professor do Programa de Pós Graduação em Agriculturas Amazônica do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares da Universidade Federal do Pará.

**Contacto:** gguera@ufpa.br

**Recebido:** 17/02/2021

**Aceito:** 30/05/2022